

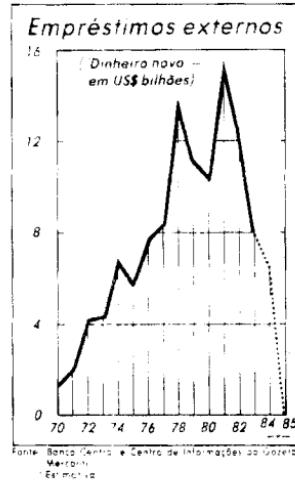
Brasil vai pedir créditos comerciais

por Celso Pinto
de Brasília

O Brasil vai tentar compensar a firme resistência dos banqueiros em montar um novo "jumbo" para o País, em 1985, mudando o alvo do pedido. Em lugar de insistir em "dinheiro novo", sem destino específico, o governo tentará ampliar os créditos comerciais.

Na última negociação externa, a chamada "fase 2", estes créditos, reunidos no "projeto 3", somaram US\$ 10 bilhões. O governo considera este valor bastante subestimado, em relação ao volume do comércio exterior e à média histórica. Supõe, por esta razão, que não seria difícil elevá-lo para cerca de US\$ 14 bilhões.

Há uma diferença substantiva entre os dois pedidos. Pedir "dinheiro novo", no "projeto um", significa montar um empréstimo "jumbo", dividido entre os quase quatrocentos bancos credores do Brasil, sem um destino final es-



pecífico. São recursos que entram, parceladamente, no cofre do Banco Central e podem, posteriormente, ser realocados, a critério dos bancos, para tomadores privados ou estatais.

A experiência das primeiras duas fases de negociação externa mostra que esta realocação é lenta e, às vezes, complicada. O grosso do dinheiro acaba ficando nas mãos do BC, para cobrir necessidades de balanço de pagamentos, e fatalmente implica engordar o "risco Brasil" nas carteiras dos bancos.

O crédito comercial, ao contrário, sempre está vinculado a uma operação específica. Ele pode ser um pré-financiamento ou financiamento ao exportador ou importador. Nem sempre, portanto, ele implica aumento do "risco Brasil": pode ser destinado simplesmente ao financiamento do importador de produtos brasileiros no exterior.

Por esta razão, o governo brasileiro imagina haver muito menos resistências dos bancos internacionais a um pedido nesta direção. De outro lado, para um comércio exterior estimado, em ambos os sentidos, em quase US\$ 45 bilhões no próximo ano, certamente o atual volume de US\$ 10 bilhões é subestimado.

Este tipo de crédito comercial não é, na verdade, substituto perfeito do dinheiro novo do "projeto um". Enquanto o "jumbo" significa recursos de longo prazo, com alguns anos de carência, os créditos comerciais, em sua maioria, têm prazo inferior a 360 dias. O ideal seria preencher necessidades do balanço com dinheiro de longo prazo, mas o aumento da oferta de dinheiro de curto prazo pode, pelo menos, reduzir um pouco o ris-

co embutido em não se pedir "new money" em 1985.

Alguns setores do governo insistem em dizer que a questão sobre a necessidade ou não de dinheiro novo ainda está, teoricamente, em aberto. A atitude do ministro da Fazenda, Ernane Galvães, ao anunciar à imprensa a disposição oficial em não pedir "new money", estreitou muito, na prática, o espaço de negociação. Como disse uma fonte com livre trânsito junto aos bancos internacionais a este jornal, "depois de o ministro da Fazenda afirmar que não é preciso dinheiro novo, como convencer, agora, os bancos em pensar outra vez a respeito?"

Outra fonte, também com acesso aos credores,

(Continua na página 15)

Os bancos europeus Dresdner e Midland afirmaram estar dispostos a fornecer mais recursos ao Brasil na próxima rodada de negociação da dívida externa, embora observem que as condições para um acordo melhoram se não houver necessidade de dinheiro novo.

(Ver página 15)